

ALAVANCAS DE RISCO

• UM FATOR perturbador agravou a crise da semana passada. É assunto dominado apenas pelos especialistas do mercado financeiro: a atuação dos fundos alavancados.

ELA NADA tinha a ver com as reais dificuldades da economia mas alimentou a incerteza, derrubou títulos brasileiros no exterior, aumentou custos dos empréstimos externos de empresas brasileiras produtivas e reduziu as reservas cambiais do país.

NO DIALETO do mercado, operar alavancado quer dizer jogar com o dinheiro que não se tem. O mecanismo funciona assim: alguns bancos e corretoras formam fundos com o dinheiro do cliente. Esse ativo é dado como garantia para empréstimo no exterior até dez vezes maiores do que o dinheiro realmente em poder dos administradores. É um jogo sob a capa de aplicação financeira.

QUANTO MAIOR a alavancagem, maior o risco. Pode-se ganhar muito, pode-se perder várias vezes o que o fundo tem. É quando os

clientes são chamados a fazer depósitos para cobrir o prejuízo.

QUEM ENTREGA seu dinheiro a esses fundos de alto risco sabe que pode perder. A sociedade não deve se preocupar com o destino desse dinheiro — exceto quando a ordem econômica é afetada e o país prejudicado. Foi exatamente o que aconteceu na semana passada.

QUANDO AÇÕES e títulos começaram a cair, os bancos estrangeiros que emprestaram aos fundos alavancados exigiram margens, isto é, depósitos de garantia. Isso provocou parte das remessas ao exterior. Quanto mais caíam as cotações, mais aumentava a incerteza e mais margens os bancos eram exigidas.

NO PIOR momento, circularam boatos de que instituições financeiras brasileiras estavam em dificuldades. E isto aumentou as apostas lá fora contra o país. Era um problema localizado, mas alavancou temores. Chegou-se a um ponto em que, na frase de um diretor do

Banco Central, "o rabo abanou o cachorro".

OS GRANDES bancos não estavam em dificuldades porque têm aplicações mais conservadoras e são mais fiscalizados pelo Banco Central. Os fundos agressivos dos bancos menores e de atacado nem sempre podem ser fiscalizados: a maioria tem sede em paraísos fiscais.

COM ATUAÇÃO temerária e sem qualquer controle, os fundos alavancados mostraram ao longo da crise que, quando ganham, os lucros ficam com eles e seus clientes. Quando perdem, O prejuízo é distribuído para toda a economia.

É, COMO aprendemos traumáticamente, uma especulação perigosa. Cabe às autoridades monetárias — no Brasil e no exterior — encontrar ou criar mecanismos de fiscalização e de limitação dos prejuízos. A economia globalizada contém riscos inevitáveis, o que é razão suficiente para que se livre dos que pode neutralizar.